

Die Christenheit oder Europa



Nesta obra escrita em 1799, publicada parcialmente em 1826 e integralmente apenas em 1880, Novalis critica a Reforma, por ter quebrado a unidade da *respublica christiana*, considerando que *talvez a Europa venha a acordar, talvez estejamos na aurora de um Estado dos Estados, de uma Ciência Política (...) é preciso que venha o tempo sagrado da paz eterna, onde a Nova Jerusalém seja a capital*. Partindo do princípio que *só a religião pode restaurar a Europa*, invoca a necessidade de uma *paz eterna* que só espiritualmente poderia realizar-se. Neste sentido, reclama a instauração de uma internacional mística, tal como fôra a Igreja Católica na Idade Média, a única forma que visiona para superar a *razão de Estado* e a luta dos egoísmos nacionais. Adoptando aquilo que qualifica como um *idealismo mágico*, vem dizer que a pátria do homem é o seu mundo interior, defendendo que *o mundo deve ser romantizado*, dado que importa *conferir alto sentido ao que é comum, aparência misteriosa ao que é ordinário e dignidade incógnita ao que é conhecido*. Para tanto, aponta como meta um regresso tanto à Idade Média como ao espírito da Reforma: *o problema supremo da cultura é o de se apropriar do próprio eu transcendental, de ser, ao mesmo tempo, o eu do próprio eu*. Por isso *surpreende pouco a falta de percepção e de inteligência completa dos outros*. *Sem uma perfeita compreensão de nós mesmos não é possível conhecer verdadeiramente os outros*.

Tentando fundir os contrários, como os românticos da época, critica a herança de FREDERICO II que teria administrado a Prússia *como se esta fosse uma fábrica*. Neste sentido, considera necessário um casamento, uma aliança entre o *princípio do rei*, entendido como um homem de nascimento superior, e o *princípio da república*, a adesão a uma personagem ideal. Conclui assim que *o verdadeiro rei será a república; a verdadeira república será o rei*.